

RUDOLF STEINER

**A ATUAÇÃO DO COSMO  
NA FORMAÇÃO  
DO ORGANISMO HUMANO**

Conferências dadas em Dornach  
em 20, 22, 23 de outubro e  
em Stuttgart em 09 de dezembro de 1922



RUDOLF STEINER

**A ATUAÇÃO DO COSMO  
NA FORMAÇÃO  
DO ORGANISMO HUMANO**

Conferências dadas em Dornach  
em 20, 22, 23 de outubro e  
em Stuttgart em 09 de dezembro de 1922

Tradução:  
Mariangela Motta de Luca



**título do original:**

GEISTIGE ZUSAMMENHÄNGE IN DER GESTALTUNG DES MENSCHLICHEN ORGANISMUS

by Rudolf Steiner Nachlassverwaltung, Dornach

tradução para o italiano de Iberto Bavastro

última edição alemã da Rudolf Steiner Verlag, Dornach (Suíça) 1976

GA 218 – ISBN 88-7787-209-8

A 4ª palestra foi traduzida a partir da versão para inglês, disponível on-line no site

[www.elib.com/Steiner](http://www.elib.com/Steiner), e foi cedida pelo tradutor.

Desenhos no texto de Assia Turgenieff e Hedwig Frey de acordo com os esboços em lousa de Rudolf Steiner; 1ª edição italiana

**Direitos desta tradução reservados à**

Editora João de Barro

R. Barão do Triunfo 88 sala 1612

CEP 04602 000

São Paulo/SP Brasil

[contato@editorajoaodebarro.com.br](mailto:contato@editorajoaodebarro.com.br)

[www.editorajoaodebarro.com.br](http://www.editorajoaodebarro.com.br)

**2ª Edição**

junho de 2019

**Tradução:**

MARIANGELA MOTTA DE LUCA

**Revisão:**

ANTONIA APARECIDA NETTO

**Produção Gráfica:**

GISELA MOTTA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Steiner, Rudolf, 1861-1925.

A atuação do cosmo na formação do organismo humano: conferências dadas em Dornach em 20, 22, 23 de outubro e em Stuttgart em 09 de dezembro de 1922/ Rudolf Steiner; tradução Mariangela M. Schleyer. -- São Paulo: João de Barro Editora, 2004.

Título original: Geistige Zusammenhänge in der Gestaltung des menschlichen Organismus

Bibliografia.

1. Antroposofia 2. Cosmologia 3. Seres humanos - Constituição I. Título.

04-4516

CDD-299.935

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Organismo humano : Formação : Atuação do cosmo : Antroposofia : Conferências 299.935

# SUMÁRIO:

## **PRIMEIRA CONFERÊNCIA**

**Dornach, 20 de outubro de 1922 ..... pág. 08**

Os processos no olho enquanto se vê. O encontro entre eu/corpo astral e corpo etérico/corpo físico. Forças formativas na cabeça e dissolução no sistema renal. A formação da memória no processo lento da cabeça e rápido dos rins. Importância da cabeça e rins durante os períodos de sete anos da vida humana. Os ritmos no olho. Convulsões infantis. Os ritmos na estátua do Representante da Humanidade.

## **SEGUNDA CONFERÊNCIA**

**Dornach, 22 de outubro de 1922 ..... pág. 28**

A digestão. A revivificação dos alimentos. Eterização. A ação do oxigênio. A irradiação dos rins e a formação dos órgãos. Nitrogênio e eu. Fígado e hidrogênio. Inflamações e tumores. O pâncreas. A história e as modificações fisiológicas.

## **TERCEIRA CONFERÊNCIA**

**Dornach, 23 de outubro de 1922 ..... pág. 50**

Características de épocas antigas. Doença e saúde. Relação entre homens e luz. Doença e cura na época escura. Nova relação com a luz: o novo conhecimento. O evento do Cristo e a vivificação da luz morta.

**QUARTA CONFERÊNCIA****Stuttgart, 09 de dezembro de 1922 ..... pág. 70**

Observação da formação do ouvido: metamorfose de um ser humano completo. Extremidades como disposições do ouvido nas fases iniciais do desenvolvimento embrionário que sucumbem à gravidade. O movimento das pernas depois da morte como o mundo dos tons: audição da qualidade moral dos atos. Origem da memória e da capacidade de amor: Formação da fala. Formação dos órgãos de sentido a partir do espírito. O tríplice processo da audição. O temporal como permanente. Significado do conhecimento de fatos espirituais para a vida depois da morte. A compreensão do suprassensível com o senso comum. Integrar-se à moralidade através do conhecimento do espírito: a responsabilidade total do ser humano.

Estas conferências, originalmente não destinadas à publicação, foram extraídas de notas estenográficas não revistas pelo autor. Rudolf Steiner diz na sua autobiografia: “Quem lê estes textos pode toma-los como aquilo que a Antroposofia tem a dizer... Mas deve levar em conta que nos textos não revistos por mim podem existir erros”. As premissas e a nomenclatura da Antroposofia ou Ciência Espiritual estão expostas nas obras fundamentais de Rudolf Steiner.

# Primeira Conferência

**Dornach, 20 de outubro de 1922**

Nas conferências dadas aqui, há pouco tempo<sup>1</sup>, consideramos de um lado os grandes eventos da história e, de forma geral, da evolução humana ao longo da existência terrestre e, de outro lado, o indivíduo em particular. Na verdade as coisas são de tal forma que só se pode compreender uma se conseguimos compreender também a outra. Hoje, portanto, desejo acrescentar ao que deveria nos oferecer grandes perspectivas históricas, algo em relação ao próprio homem para que as duas exposições possam completar-se nos próximos dias.

Quando descrevemos o ser humano, colocando-o diante da alma como frequentemente fazemos na perspectiva da concepção antroposófica do mundo, distinguimos nele em primeiro lugar, o organismo físico permeado pelo organismo etérico; neste sistema formado pelos organismos físico e etérico, se inserem o corpo astral e o Eu. Podemos deduzir pela maneira como passamos ao estado de sono e deste novamente ao da vigília que, de um lado, o organismo físico e o etérico estão mais fortemente unidos entre si e, de outro lado, estão o Eu e o organismo astral. Mesmo que no estado de vigília as quatro partes constitutivas da natureza

1- STEINER, Rudolf. *Grundimpulse des weltgeschichtlichen Werdens der Menschheit*. Dornach, 1988. (GA 216).



humana estejam inseridas entre si, elas se separam no estado de sono, de forma que de um lado o Eu e o organismo astral estão em alguma medida mais conjugados e, de outro lado, estão os organismos físico e etérico. Portanto, o organismo astral e o etérico não estão tão fortemente unidos como estão o Eu e o organismo astral de um lado e o organismo físico e o etérico do outro lado.

Se quisermos considerar estas questões nos seus detalhes, deveremos colocá-las diante da alma no seu modo de agir. Para tanto, eu gostaria de partir do concreto. O homem vê o mundo circundante. O que significa ver o mundo circundante? Busquemos considerar o problema mantendo-nos nos fatos reais. O fato de o homem ver o mundo circundante significa que algo age sobre ele. Mas, tratando-se do homem na sua totalidade, devemos perguntar: sobre o que age o mundo em primeiro lugar?

Embora possa parecer, ao se observar superficialmente, que aquilo que se vê chegar do mundo circundante atue sobre o organismo físico, na verdade não é assim.

Quando olhamos o mundo exterior ao nosso redor usamos, sem dúvida, o olho físico (figura 1: claro). Certo, temos o olho físico, mas tudo quanto acontece no olho é algo que deve primeiro ser mediado. No fundo, o que acontece é um jogo de processos no Eu e no organismo astral. Para esclarecer melhor, esboçarei no desenho o olho com amarelo, que representa o Eu (isso continua depois adiante no organismo) e com vermelho o que representa o organismo astral. Deve ficar bem claro que as primeiras coisas a considerar quando vemos, são os processos no Eu e no organismo astral. Pode-se ter um conhecimento direto considerando o ato de ver

não apenas superficialmente, mas um pouco mais a fundo. Ao vermos, por exemplo, em algum lugar a cor vermelha, basta refletir e nos perguntarmos se podemos diferenciar o nosso Eu do próprio vermelho, no momento em que vemos a cor. Não somos capazes disto. Não podemos nos diferenciar daquele vermelho, somos aquele vermelho. A cor preenche totalmente a nossa consciência. Não somos senão aquele vermelho. Podemos percebê-lo muito bem se, por exemplo, imaginamos que aquele vermelho seja a única coisa que

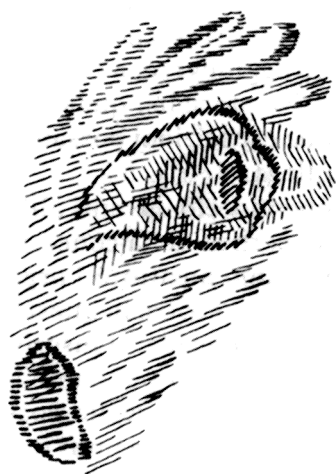
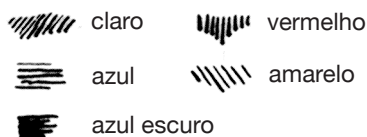


FIGURA 1



podemos ver. Vemos uma vasta superfície vermelha. Enquanto a olhamos, devemos primeiro nos dar conta de sermos um Eu. Devemos primeiro separar o Eu. Enquanto observamos a vasta superfície vermelha, o Eu e o vermelho confluem. O mesmo vale também para o organismo astral do homem.

A primeira coisa a considerar quando vemos são os processos que se desenrolam no Eu e no organismo astral.

Em direta relação com o olho está vinculado o sistema renal; é tão complexa a organização do olho! Eu o desenharei aqui de forma esquemática (figura I: azul escuro). O sistema renal é parte do organismo físico e se constitui de elementos sólidos. Vocês se lembrarão que frequentemente tenho repetido que o ser humano não tem em si muito de sólido, de mineral. Ele é, talvez, noventa por cento uma coluna de água, embora também tenha em si elementos sólidos que nadam continuamente no líquido, no elemento aquoso. Assim, o sistema renal é simultaneamente considerado o ponto de partida do elemento líquido, que não está presente apenas na secreção do sistema dos rins, mas que se difunde por todo o organismo, chegando através dele até o olho.

O elemento líquido que, por assim dizer, se irradia do sistema renal a todo o organismo e que reluz até mesmo no olho, não é um líquido morto, antes é um elemento aquoso vivo. Faremos um conceito totalmente equivocado do elemento líquido ou aquoso presente no homem se imaginarmos que no interior do organismo vivo (figura I: azul) exista algo em comum com a água que escorre num riacho. Não é assim. No riacho temos água morta, enquanto no organismo humano temos líquido vivo. Não é somente o líquido plasmático é vivo: é vivo também tudo que é líquido no organismo, e no líquido estão finamente dispersos, por toda parte, os elementos sólidos que são transportados sobre a onda do elemento líquido até mesmo para dentro do olho. O organismo etérico humano também se irradia no olho sobre a onda do líquido interno. No olho se encontram, portanto, dois elementos. O organismo etérico (figura I: azul) preenche o olho e, a partir do olho, preenche o nervo ótico. Aquilo

que flui no líquido compenetrado pelo organismo etérico é a imagem que surge no corpo astral (figura 1: vermelho). O tracejado amarelo é o que surge através do Eu. Este também flui no olho e segue adiante.

Deste modo, portanto, se encontram no olho humano e no nervo ótico a impressão exterior que se encontrava em primeiro lugar no Eu e no corpo astral e depois, desde o interior, nos corpos físico e etérico; o corpo físico levado pelos elementos minerais da natureza humana, e o etérico levado pelos elementos líquidos da natureza humana.

No entanto, isto não se limita ao olho; o que ele transmite se irradia para todo o resto do organismo. No ato de ver temos o encontro de tudo que se desenrola de maneira tão complexa no Eu e no corpo astral, com tudo o que se contrapõe como corpo físico e etérico do interior do organismo, ou seja, como corpo físico nos elementos minerais e como corpo etérico sobre a onda do líquido vivo.

O que descrevi sobre a capacidade de ver acontece, na realidade, continuamente no organismo humano. Continuamente se encontram no organismo o corpo etérico, sob o impulso do corpo físico sobre as ondas do fluido vivo, e o corpo astral, com todas as impressões externas, sob a influencia do Eu. Na verdade, toda a nossa constituição humana depende da forma como estas duas correntes se encontram em nós, delas depende toda a nossa condição interior, pois é necessário que elas se encontrem da maneira correta. O que quer dizer encontrar-se da maneira correta? Eis uma outra coisa extraordinariamente complexa! O organismo da cabeça (figura 2) é uma imagem plástica das forças que o homem possuía na existência pré-natal, como

ser anímico-espiritual. A cabeça se forma plasticamente e também na vida embrionária ela se configura bastante rápido, conservando somente a força de plasmar. Se não tivéssemos essa força plasmadora, a cabeça seria um corpo morto. A cabeça humana é uma formação maravilhosa, uma imagem fiel do corpo físico, do corpo etérico, também do corpo astral e até do Eu; reproduz o modo pelo qual estes entram na vida terrestre a partir dos mundos supratereestres. A cabeça se forma como uma imagem que extrai as experiências cósmicas vividas pelo homem na existência pré-natal e retém unicamente as forças formativas, num sentido plástico. Se observarmos uma criança, vemos que toda a força formativa plástica provém da sua cabeça. Dela irradia a todo o resto do organismo aquilo que permite formar plasticamente os órgãos de modo adequado durante o crescimento.

Portanto, o que provém da cabeça é somente força formativa plástica. Quando, então, penetra na cabeça algo semelhante ao que entra ao vermos, isto é acolhido logo de maneira a gerar uma força que tende a dar forma. O que penetra através do olho quer adquirir forma em nosso interior, acima de tudo, quer configurar os nervos, o sistema nervoso, de modo que exista no nosso interior uma espécie de imagem da impressão externa. Portanto, podemos dizer: na direção que vai dos sentidos para o interior, (figura 2: as flechas de cima para baixo) atua uma força formativa que, digamos, quer fazer do homem uma estátua. É exatamente assim: em última instância, tudo que vemos quer fazer de nós uma estátua. No entanto, a esta força se opõe uma outra, por exemplo, a partir do sistema renal (figura 2: flechas de baixo para cima). Esta força dissolve continuamente o que tende a

dar forma. Tentemos fazer uma idéia. Para ilustrar o desenho, eu deveria dizer assim: a partir do olho quer se formar uma fina imagem, uma figura. Ela avança até a formação plástica de uma figura física. Sempre acontece uma ação através da qual se unem as substâncias salinas que estão normalmente dissolvidas, elas querem se tornar sal sólido. Portanto, temos continuamente uma tendência a dar forma. Em seguida, a partir de baixo se gera uma tendência a dissolver novamente



FIGURA 2

o que está se formando. Dessa maneira, temos sempre no organismo humano a tendência a formar uma estátua vinda do exterior, que é novamente dissolvida desde o interior.

Este processo, que se desenvolve graças ao encontro do astral com o etérico, que vai ao encontro do astral sobre as ondas do elemento líquido, é de imensa importância para a vida humana, no fundo, é toda a vida humana. Imaginemos que alguém nos conte algo esta noite. Também neste caso é uma impressão. Acontece pelos sentidos de maneira

diferente de ver uma superfície vermelha, mas também é uma impressão. O que nos é contado quer se tornar forma. Se o conteúdo consegue se tornar forma, permanece em nós na memória e, se temos uma cabeça que faz de tudo para “salgar”, para conservar cada impressão, teremos uma memória magnífica e estaremos no ponto de repetir sempre, como um autômato, tudo o que foi comunicado. Mas, para a maioria das pessoas não é assim, porque em quase todas é muito forte a tendência solvente. As irradiações líquidas do corpo etérico que vão ao encontro das forças plásticas plasmadoras tendem sempre a dissolver. A corrente que sempre dissolve é uma corrente quente. Ao aprofundarmos este fenômeno, descobrimos algo muito interessante.

Por exemplo, quando alguém comunica algo e nos esforçamos como homens e não como autômatos para fazer refluir o que estava retido na memória, não deveria se gerar logo uma formação salina interior tão sólida que nos permita, a qualquer momento, repeti-la. Tais pessoas existem, porém se tornam dependentes. Não somos mais nós mesmos que recordamos as coisas, mas as coisas se imprimem em nós e nos tornamos autômatos. É necessário que tenha lugar um outro processo se quisermos permanecer seres humanos independentes.

O que alguém nos diz, ou o que lemos, está no Eu e no corpo astral num primeiro momento e através da organização do cérebro, da organização da cabeça, quer penetrar no elemento líquido para depois se consolidar gerando uma espécie de formação mineral, uma formação do tipo salino. Mas é bom que sobrevenha a corrente interior que a cancela, de modo que a impressão recebida penetre

apenas até o elemento líquido no qual se dispersa, sem que, por ora, alcance a formação sólida. Pois isto não acontece logo, a coisa permanece no corpo astral. Então se dorme a noite seguinte e a impressão desce com o corpo astral e com o Eu, se reforça um pouco durante o sono (figura 3: à direita). Ao despertar ela retorna ainda dentro (à esquerda) e talvez seja novamente apagada.

FIGURA 3



Isto acontece, em geral, três ou quatro vezes. Somente depois da quarta noite de sono é que a força que apaga não é mais bastante forte e assim, não sendo mais dissolvida, a formação plástica se consolida, constituindo o fundamento das representações mnemônicas, das recordações.

Pode-se dizer que nos lembramos de coisas ouvidas ontem, sem que tivéssemos dormido sobre elas algumas noites. Correto, mas não é este o ponto. Nos lembramos de coisas ouvidas ontem porque o processo se encontra ainda no corpo astral, e talvez evoque ainda uma impressão no corpo etérico. Também o esquecer não acontece logo depois do primeiro dia, nem ao menos depois do segundo ou do terceiro. Quando a coisa é de fato esquecida, a força que interiormente dissolve depois do quarto dia é ainda tão intensa que a dissolve totalmente. Neste ponto ela é definitivamente dissolvida. Se, apesar da força que está presente, a



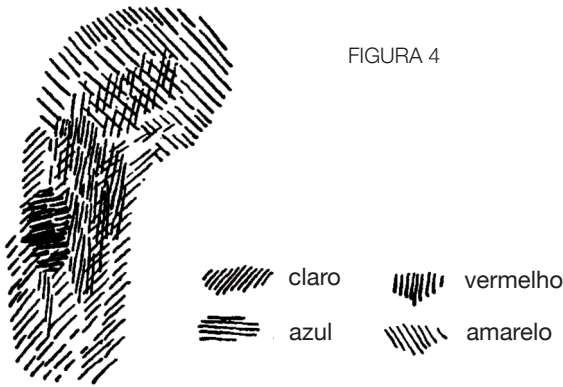
coisa penetra uma quarta vez e pode ainda ser dissolvida, nós a esquecemos definitivamente.

Temos aqui um fato muito interessante que pode ser observado através da imaginação, simplesmente olhando como as coisas são lembradas e que nos leva a algo diferente. Nos leva a conhecer que a cabeça, a cabeça humana, é muito mais lenta que o resto do organismo. Já falamos de uma trimembração do homem, com o sistema rítmico no centro, com o organismo neurossensorial – o organismo da cabeça – de um lado e do outro, o organismo dos membros e do metabolismo. Podemos dizer que o organismo da cabeça percorre muito mais lentamente todo o seu desenvolvimento, o seu ser e amadurecer que o organismo dos membros e do metabolismo. Assim, se para uma impressão recebida a acumulação (figura 2: esquerda no alto), o plasmar emprega um segundo, o sistema renal, de sua parte, já transmitiu quatro ondas dissolventes ao mesmo tempo, portanto, já executou quatro ataques (não é assim na realidade, mas digo como exemplo).

Vemos porque o pulso bate quatro vezes enquanto respiramos uma vez. O sistema respiratório é aquele que desde o sistema rítmico-médio atua em direção à cabeça, comunicando-lhe um ritmo quatro vezes mais lento. O pulso, a circulação do sangue, também a partir do sistema médio-rítmico, age em direção ao sistema metabólico-motor comunicando-lhe um ritmo quatro vezes mais veloz. No ritmo quatro vezes mais veloz da circulação sanguínea se encontra tudo o que dissolve. Ao contrário, no ritmo quatro vezes mais lento da cabeça reside tudo aquilo que solidifica, tudo o que gostaria, no fundo, de fazer do ser humano uma estátua.

É, de fato, interessante que o encontro que descrevi entre o impulso que sai do sistema renal e aquele que desce das impressões externas se desenvolva na mesma relação rítmica que têm entre si a respiração e a circulação sanguínea, que enquanto acontece uma impressão externa, sobre esta existam quatro ataques que tendem a dissolvê-la. Disto decorre também que devemos adormecer sobre ela quatro vezes para que o impulso que vem do exterior se consolide o suficiente.

As coisas se relacionam entre si de modo maravilhoso podendo, de fato, chegar à configuração interior do organismo humano. Mas isto ainda está relacionado a algo diferente.



Vimos que, ascendendo no organismo em direção ao alto, à cabeça, encontramos um ritmo vital que é quatro vezes mais lento que o encontrado quando descemos, por exemplo, aos órgãos da digestão ou ao sistema renal. O sistema renal trabalha muito rapidamente e leva o que elabora interiormente até o etérico, que nada sobre as ondas

do líquido vivo. Quando se fecham os olhos e se faz calar conscientemente o cérebro, penetrando com o olhar naquilo que irradia dos rins, temos as Imaginações que ondeiam sobre o líquido vivo e se nos apresenta uma Imaginação no nosso interior. É um quadro muito interessante. Considerando o sistema renal, (figura 4) vemos que o líquido vivo flui desde lá em direção a todo o organismo. O que os rins segregam é somente o excedente, que vai para o exterior mediante uma substância relativamente sólida. Mas, ao mesmo tempo, o líquido vivo que é compenetrado pelo organismo etérico, vai para o organismo todo. O organismo etérico é preenchido de Imaginações (figura 4: vermelho), é totalmente impregnado por elas. Pode-se vê-lo como imagem do próprio organismo, atenuando a consciência cerebral e todas as percepções sensoriais. Desta forma o processo é sadio. Mas, quando o rim adoece e provoca uma irradiação muito forte no líquido vivo, surgem as mais diversas imagens e surgem os conhecidos fenômenos subjetivos, típicos dos enfermos dos rins.

O que atua aqui e que representa, no fundo, uma onda sempre embebida de calor corporal interno, um impelir de imagens interiores que se encontram depois com as impressões externas, as quais têm a tendência a conquistar forma plástica, tudo isso trabalha quatro vezes mais rapidamente que a atuação do exterior em direção ao interior. Pode-se vê-lo também no fato que temos períodos bem definidos ao longo da nossa biografia, períodos originados do organismo etérico, que já caracterizei anteriormente. Devemos falar de períodos setenários, como sempre fazemos; por exemplo, da segunda dentição, da puberdade e assim por diante. Podemos dizer: o organismo físico ao final do sétimo ano, quando inicia